

Segunda-Feira, 15 de Junho de 2026

## **Nelson Rodrigues e o 'Complexo de Vira-Latas': Da Crônica de 1958 ao Editorial Golpista de O Globo**

**Análise de como a expressão criada pelo cronista em 1958 dialoga com retórica política perigosa nos dias atuais**

Durante períodos de Copa do Mundo, surge uma questão pertinente: como uma expressão cunhada por Nelson Rodrigues há mais de seis décadas permanece relevante para compreender os dilemas políticos contemporâneos do Brasil? A resposta revela conexões profundas entre literatura, identidade nacional e manipulação discursiva.

### **A Genialidade de Nelson na Criação de Expressões**

Raramente um intelectual conseguiu capturar o zeitgeist de uma nação como Nelson Rodrigues. Seu legado ultrapassa as páginas de jornais e se enraíza na língua portuguesa falada. Frases como "óbvio ululante", "toda unanimidade é burra", "idiota da objetividade" e "bonitinha, mas ordinária" transcenderam o contexto original para se tornarem patrimônio cultural. Contudo, nenhuma expressão possui tanta carga simbólica quanto "complexo de vira-latas".

A criação surgiu em 31 de maio de 1958, em uma crônica esportiva publicada na "Manchete Esportiva". Nela, Nelson analisava o fracasso da seleção brasileira diante da Inglaterra em Wembley, perdendo por 4 a 2. O cronista identificava não uma deficiência técnica, mas um problema psicológico: a autossabotagem resultante da inferioridade que os próprios brasileiros se impunham voluntariamente.

### **O Contexto Histórico da Expressão**

Era um momento delicado para o orgulho nacional. O Brasil havia sido eliminado da Copa de 1954 pela Hungria e ainda carregava o trauma do "Maracanazo" de 1950, quando perdeu a final para o Uruguai. Nesse cenário de insegurança coletiva, Nelson escreveu palavras memoráveis: "O brasileiro precisa se convencer de que não é um vira-latas e que tem futebol para dar e vender, lá na Suécia".

A prescrição do cronista era clara: abandonar a atitude de submissão e acreditar nas próprias capacidades. Sua filosofia se resumia em: "Para o escrete, ser ou não ser vira-latas, eis a questão". Meses depois, a seleção conquistaria o primeiro título mundial, validando a intuição de Nelson sobre o poder transformador da autoconfiança.

### **A Torção Semântica Contemporânea**

Contudo, ao longo das décadas, a expressão sofreu uma deformação de sentido. Inicialmente, referia-se a uma inferioridade psicológica voluntária. Atualmente, transformou-se em ferramenta de exclusão social e ódio ideológico. Converteu-se em instrumento para depreciar grupos inteiros da população, justificando desigualdades e perpetuando divisões de classe.

Essa inversão revela-se particularmente perigosa quando personagens influentes utilizam a narrativa da "bancarota nacional" para preparar terreno ideológico. Quando se profetiza constantemente o caos e o colapso, constrói-se justificativa para medidas extraordinárias e suspensão de normalidades democráticas.

### **O Padrão Retórico Golpista**

A história oferece precedentes eloquentes. Em 1º de abril de 1964, O Globo saudava o golpe militar argumentando pela necessidade de salvar o país do colapso iminente. O editorial exaltava as "forças vivas e patrióticas" que se uniam contra supostos inimigos da nação. Apenas em 2013, quase cinco décadas depois, o veículo admitiria o erro daquele posicionamento.

Esse padrão retórico persiste. Discursos atuais que antecedem catástrofes nacionais, que pintam quadros desoladores da administração pública, que afirmam estar o país à beira do precipício, seguem a mesma estrutura argumentativa que precedeu a ditadura militar. A diferença está apenas nas personificações dos "vilões".

### **Do Complexo de Vira-Latas ao Complexo de Pit Bull**

Nelson propunha superação através da fé em si mesmo. Movimentos políticos contemporâneos oferecem alternativa distinta: substituir a suposta docilidade por agressividade, a submissão por intolerância radical. Trata-se de inverter o complexo sem eliminar a patologia subjacente. Em vez de acreditar nas próprias capacidades, propõe-se acreditar na necessidade de destruição dos adversários.

Essa "filosofia do pit bull" manifesta-se em retóricas que jamais reconhecem legitimidade ao contraditório, que veem em políticas públicas uma conspiração deliberada contra a nação, que transformam dissensões políticas legítimas em sabotagem nacional. O raciocínio torna-se circular: se o país vai mal e você não concorda com quem governa, então a queda é certa e iminente.

### **Reflexão Final**

A população brasileira merece superar tanto o complexo de vira-latas quanto sua negação agressiva. A verdadeira confiança nacional não emerge da negação do outro ou da profecia de desastres, mas da capacidade de construir consensos mínimos e reconhecer que democracias lidam com desacordos legítimos.

Quando vozes influentes transformam discordâncias políticas em narrativas de bancarrota nacional, reproduzem o percurso retórico que histórica e repetidamente antecedeu golpes de Estado. A lição de Nelson não era profetizar desastres, mas acreditar que a confiança em si mesmo, coletivamente cultivada, transforma realidades.